

COLM TÓIBÍN

# O testamento de Maria

*Tradução*

Jorio Dauster



Copyright © 2012 by Colm Tóibín  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Testament of Mary

*Imagen da capa*

© Granger/ Other Images

*Preparação*

Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tóibín, Colm

O testamento de Maria / Colm Tóibín ; tradução Jorio  
Dauster — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Testament of Mary

ISBN 978-85-359-2281-3

1. Ficção cristã 2. Ficção irlandesa 3. Mães e filhos 4. Maria,  
Virgem Santa 1. Título.

13-04514

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa

ir823.9

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

Eles aparecem agora com mais frequência, os dois, e a cada visita se mostram mais impacientes comigo e com o mundo. Há algo de faminto e grosseiro neles, uma brutalidade fervendo no sangue, que já vi antes e cujo cheiro posso sentir assim como um animal que está sendo caçado pode farejar o predador. Mas no momento não estou sendo caçada. Não mais. Tomam conta de mim, me fazem perguntas com gentileza, sou vigiada. Eles pensam que desconheço a natureza complexa de seus desejos. No entanto, atualmente nada me escapa exceto o sono. O sono me escapa. Talvez esteja velha demais para dormir. Ou não haja mais nada a ganhar com o sono. Talvez não precise sonhar ou descansar. Talvez meus olhos saibam que em breve estarão cerrados para sempre. Vou ficar acordada se necessário. Descerei as escadas quando o dia raiar, quando raios de luz invadirem sorrateiramente este quarto. Tenho minhas próprias razões para observar e esperar. Antes do descanso final há este longo despertar. E me basta saber que ele terminará.

Pensam que eu não comprehendo o que está crescendo lentamente no mundo; acham que não entendo o sentido de suas perguntas nem percebo a sombra cruel de exasperação que se esconde sob suas feições ou se oculta em suas vozes quando digo alguma coisa despropositada ou tola, algo que não leva a lugar nenhum. Quando pareço não lembrar o que creem que eu devia lembrar. Estão por demais aprisionados em suas imensas e insaciáveis necessidades, por demais entorpecidos pelo resto do terror que todos nós sentimos para notarem que me recordo de tudo. Meu corpo é feito tanto de sangue e ossos quanto de memória.

Gosto que me alimentem, paguem por minhas roupas e me protejam. Em recompensa, farei por eles o que puder, mas nada mais que isso. Assim como não posso respirar por outra pessoa, ou ajudar seu coração a bater, ou seus ossos a não se enfraquecerem, ou sua carne a não murchar, não posso dizer mais do que posso dizer. E sei quão profundamente isso os perturba, e me faria sorrir, essa necessidade premente de historinhas simplórias ou padrões claros e simples no relato do que aconteceu a todos nós, porém faz muito tempo esqueci como sorrir. Descobri que não tinha mais uso para o sorriso. Como também não tinha mais uso para as lágrimas. Em certa época, pensei que, de fato, não tinha mais nenhuma lágrima para verter, que tinha esgotado meu estoque de lágrimas, mas tenho a sorte de que pensamentos sem nexo como este nunca duram muito, são logo substituídos pelo que é verdadeiro. Há sempre lágrimas disponíveis se a pessoa necessitar suficientemente delas. É o corpo que produz as lágrimas. Eu não preciso mais de lágrimas, e isso deveria constituir um alívio, porém não busco alívio, e sim apenas a solidão e uma amarga satisfação vinda da certeza de que não direi nada que não seja verdade.

Dos dois homens que vêm aqui, um esteve conosco até o fim. Havia momentos em que ele era gentil, tão pronto a me abraçar e confortar quanto é hoje capaz de fuzilar a testa impacientemente quando o que lhe conto não atinge os limites que ele estabeleceu. No entanto, ainda vejo sinais daquela gentileza, e há ocasiões em que revejo o brilho em seus olhos antes que ele suspire e retorne ao trabalho, escrevendo letra por letra as palavras que sabe que eu não consigo ler e que relatam o que aconteceu na colina, assim como nos dias anteriores e nos que se seguiram. Já lhe pedi que lesse as palavras para mim, porém ele se recusa. Sei que escreveu coisas que não viu nem eu vi. Sei também que deu forma ao que eu vivi e ele testemunhou, e que se certifica de que essas palavras têm importância e serão ouvidas.

Eu me lembro de coisas demais; sou como o ar num dia calmo, que se mantém parado e não deixa escapar nada. Assim como o mundo prende a respiração, eu guardo as recordações dentro de mim.

Desse modo, quando lhe falei sobre os coelhos não estava contando alguma coisa de que quase tinha esquecido e somente lembrei por conta de sua presença insistente. Os detalhes do que lhe contei estiveram comigo ao longo dos anos, da mesma forma como minhas mãos e meus braços estiveram comigo. Naquele dia — o dia sobre o qual ele queria detalhes, o dia que me pedia para repassar seguidamente —, em meio a toda a confusão, em meio a todo o terror e aos gritos, um homem chegou perto de mim trazendo uma gaiola onde estava aprisionado um pássaro grande e enraivecido, de bico afiado e olhar indignado; as asas não podiam se abrir de todo, e esse confinamento parecia torná-lo frustrado e enfurecido. Ele deveria estar voando, caçando, mergulhando para pegar sua presa.

O homem também carregava um saco, que aos poucos

verifiquei estar quase pela metade de coelhos vivos, pacotinhos de energia feroz e aterrorizada. E, durante aquelas horas na colina, durante as horas que passaram mais lentamente que quaisquer outras horas, ele ia tirando os coelhos do saco um a um e enfiando na gaiola entreaberta. O pássaro atacava primeiro uma parte macia da barriga, abrindo o coelho até que as tripas saltassem para fora, e depois, naturalmente, bicaava seus olhos. É fácil falar disso agora porque se tratava de uma pequena distração do que estava realmente acontecendo, e é fácil também porque não fazia o menor sentido. O pássaro não dava a impressão de estar faminto, embora talvez sofresse de uma fome atávica, incapaz de ser satisfeita até mesmo pela carne pulsante de coelhos que ainda se contorciam. A gaiola ficou meio cheia de coelhos semimortos, não comidos inteiramente, que emitiam estranhos guinchos, estrebuchando em espasmos de agonia. E o rosto do homem fulgurava de energia, como se iluminado por dentro enquanto ele olhava para a gaiola e para a cena ao seu redor, quase sorrindo com sombrio prazer, o saco ainda por esvaziar.

A essa altura já havíamos falado sobre outras coisas, inclusive sobre os homens que jogavam dados perto de onde se erguiam as cruzes, apostando as roupas dele e outras posses, ou por nenhuma razão especial. Eu temia um deles tanto quanto o estrangulador, que veio mais tarde. Esse primeiro homem, entre todos os que chegaram e partiram durante o dia, era o que estava mais consciente de minha presença, o mais ameaçador, o que parecia mais interessado em saber para onde eu iria depois de tudo acabado, o que mais provavelmente teria ordens de me buscar de volta. Esse que me seguia com o olhar dava a impressão de trabalhar

para o grupo de homens montados a cavalo que pareciam se manter à margem dos acontecimentos. Se alguém sabe o que ocorreu naquele dia e por quê, é esse homem que jogava dados. Poderia ser mais fácil caso eu dissesse que ele me vem nos sonhos, mas não é verdade, nem ele me persegue como outras coisas, ou outros rostos, me perseguem. Ele esteve lá, é tudo que tenho a dizer, me observou e me conheceu, e eu não me surpreenderia se agora, após todos esses anos, ele chegasse à porta com os olhos semicerrados por causa da luz, o cabelo alourado já grisalho e as mãos ainda grandes demais para seu corpo, e seu ar de quem sabe tudo, seu autocontrole, sua crueldade calma e dominadora, seguido de perto pelo estrangulador de sorriso alvar e maldoso. No entanto, eu não duraria muito na companhia deles. Assim como os dois amigos que me visitam querem ouvir minha voz, meu testemunho, esse homem que jogava dados e o estrangulador, ou outros como eles, devem estar buscando meu silêncio. Eu os reconheceria se vierem, e não fará grande diferença porque restam poucos dias, mas, nas horas em que estou acordada, continuo com pavor deles.

Comparado a eles, o homem com os coelhos e o gavião era estranhamente inofensivo; cruel sim, mas de uma forma inútil. Seus impulsos eram fáceis de satisfazer. Ninguém reparou nele com exceção de mim, e o fiz porque, talvez de todos que lá se encontravam, eu era a única que prestava atenção a tudo que se movia na esperança de encontrar alguém a quem pudesse apresentar minha súplica. E também para saber o que eles poderiam querer de nós ao final, mas acima de tudo para me desligar, mesmo por um segundo, da aterradora catástrofe que estava ocorrendo.

Eles não se interessam por meu medo e pelo medo que sentiram todos à minha volta, a sensação de que havia homens

à espera com ordens de nos deterem quando tentássemos partir, de que parecia impossível que não fôssemos presos.

O segundo que vem aqui tem um modo diferente de fazer sua presença notada. Nada tem de gentil. É brusco, entediado, sempre no controle das coisas. Também escreve, porém mais rápido que o outro, franzindo o cenho, sacudindo a cabeça em aprovação a suas próprias palavras. Facilmente irritável. Consigo aborrecê-lo simplesmente ao atravessar a sala para pegar um prato. Às vezes é difícil resistir à tentação de lhe falar embora eu saiba que minha voz por si só o enche de desconfiança ou algo bem próximo do asco. Mas, assim como seu colega, ele precisa me ouvir, é por isso que vem aqui. Não tem escolha.

Antes de sua partida, eu lhe disse que em toda minha vida, quando vi mais de dois homens juntos, só encontrei tolice e crueldade, mas foi na tolice que reparei primeiro. Ele estava esperando que eu dissesse outra coisa, e estava sentado à minha frente, sua paciência se esvaindo lentamente por eu me recusar a retornar ao assunto que ele desejava: o dia em que nosso filho se perdeu, como o encontramos, o que foi falado. Não posso dizer o nome, ele não me vem, algo se romperá dentro de mim caso eu diga o nome. Por isso o chamamos de “ele”, “meu filho”, “nossa filha”, “o que esteve aqui”, “seu amigo”, “aquele em quem você está interessado”. Talvez antes de morrer eu ainda diga o nome, ou numa noite dessas conseguirei murmurá-lo, porém duvido.

Ele reuniu ao seu redor, eu disse, um grupo de desajustados, filhos únicos como ele, ou homens sem pais, ou incapazes de olhar no fundo dos olhos de uma mulher. Homens que eram vistos sorrindo para si próprios ou haviam envelhecido ainda moços. Nenhum de vocês era normal, continuei, e o vi empurrar o prato ainda com comida na minha direção como

uma criança malcriada. Sim, desajustados, eu disse. Meu filho reuniu desajustados, embora ele mesmo, apesar de tudo, não fosse um desajustado, ele poderia ter feito qualquer coisa, poderia até ter sido tranquilo, também tinha essa tão rara capacidade de poder ficar a sós sem dificuldade, podia olhar para uma mulher como sua igual, e era grato, bem-comportado, inteligente. E usou todos esses atributos, eu disse, para liderar um grupo de homens que confiaram nele e o seguiram por toda parte. Eu não tenho tempo a perder com desajustados, eu disse, mas, se você juntar dois de vocês, vai resultar não só a tolice e a crueldade habitual, mas também uma necessidade desesperada de algo mais. Junte um bando de desajustados, eu disse, empurrando o prato de volta na direção dele, e vai resultar qualquer coisa — destemor, ambição, qualquer coisa — e, antes que se dissolva ou cresça, ela vai levar ao que eu vi e àquilo com que vivo hoje.

Farina, minha vizinha, deixa coisas para mim. Às vezes lhe pago. De início, não atendia a porta quando ela batia e mesmo quando eu recolhia o que quer que ela deixasse para mim — frutas, pão, ovos ou água —, não via razão para falar com ela ao passar mais tarde pela sua porta, ou mesmo fingir que sabia quem ela era. E tomava cuidado para não tocar na água que ela deixava. Eu caminhava até o poço para pegar minha própria água, mesmo se isso deixasse meus braços cansados e doloridos.

Quando meus visitantes vieram, me perguntaram quem era ela, e fiquei satisfeita de poder lhes dizer que não sabia, não tinha interesse em saber e não entendia por que ela deixava coisas para mim, a não ser porque isso lhe servia de desculpa para se intrometer onde não era chamada. Devo ser

cuidadosa, eles me disseram, e não foi difícil responder, dizer que sabia disso melhor do que eles próprios e que, se vinham me dar conselhos desnecessários, talvez devessem pensar em se manter longe dali.

Pouco a pouco, contudo, ao passar por sua casa evê-la diante da porta, comecei a olhar para ela e gostei dela. Fazia diferença o fato de ser pequena, ou mais baixa que eu, parecendo mais frágil embora fosse mais moça. Presumi inicialmente que vivia sozinha, e acreditei que seria capaz de lidar com ela caso se tornasse difícil ou persistente demais. Mas ela não mora só. Descobri isso. Seu marido é um inválido, vive num quarto quase às escuras, não pode se mexer e ela precisa cuidar dele o dia inteiro. Seus filhos, como todos os filhos, foram para a cidade em busca de um trabalho melhor, ou de uma indolência mais útil ou de alguma forma de aventura, deixando para Farina a incumbência de tratar das cabras, dos laranjais e dos terraços de oliveiras, além da água para carregar todos os dias. Deixei claro para ela que seus filhos, se um dia aparecerem por aqui, estão proibidos de atravessar minha porta. Deixei claro para ela que não quero a ajuda deles para nada. Não os quero nesta casa. Passam-se semanas até que desapareça o fedor de homens nestes aposentos, antes que eu possa voltar a respirar um ar não poluído por eles.

Comecei a sorrir para o chão quando a via. Ainda não a encarava, quanto soubesse que ela notaria a mudança. E outras mudanças se seguiram. No começo, foi complicado porque não a compreendia com facilidade e ela parecia achar isso estranho, apesar de não a impedir de falar sem parar. Em breve passei a entender a maior parte de suas palavras, ou o suficiente, e fiquei sabendo aonde ia todos os dias e por que ia. Não a acompanhava porque queria. Só o fazia porque meus visitantes, os homens que vieram tomar conta de meus

últimos anos, se demoravam demais e faziam perguntas demais. Imaginei que, desaparecendo nem que fosse por uma ou duas horas, eles talvez aprendessem a ser mais educados ou, o que seria muito melhor, iriam embora.

Eu não acreditava que a sombra maldita do que tinha acontecido jamais se desfaria. Era como se meu coração bombeasse aquele negror através de mim assim como bombeava o sangue. Ou era meu companheiro, um estranho amigo que me acordava à noite e mais uma vez pela manhã e ficava por perto o dia todo. Ela era um peso dentro de mim que frequentemente se tornava um fardo impossível de ser carregado. Às vezes diminuía, porém nunca se dissipava.

Fui ao Templo com Farina sem nenhuma razão. Tão logo nos pusemos em marcha, já me divertia a ideia da discussão que teria na volta com meus visitantes sobre onde tinha estado, e já estava preparando o que lhes diria. Nós duas não nos falamos no caminho, e só ao chegarmos perto Farina disse que todas as vezes que ia lá só pedia três coisas — que seu marido fosse levado pelos deuses antes que sofresse mais, que seus filhos gozassem de boa saúde e que fossem bondosos com ela. Você quer mesmo a primeira?, perguntei. Que seu marido morra? Não, ela disse, não quero, mas seria o melhor. E é do rosto dela, da expressão em seu rosto, de uma espécie de luz nos olhos, uma bondade quando entrávamos no Templo, que eu me recordo.

Lembro então de me voltar e ver pela primeira vez a estátua de Ártemis; no instante em que a olhei fixamente, a estátua irradiava constância e generosidade, fertilidade e graça, talvez beleza, sim, até mesmo beleza. E me inspirou por um momento; minhas próprias sombras fugiram para conversar com as belas sombras do Templo. Abandonaram-me por alguns minutos, como se iluminadas. O veneno não estava em

meu coração. Contemplei a estátua da velha deusa, ela que já viu mais que eu e sofreu mais por ter vivido mais tempo. Respirei fundo para dizer que havia aceitado as sombras, o peso, a impiedosa presença que veio a mim naquele dia em que vi meu filho manietado e sangrando, quando o ouvi gritar, quando pensei que nada de pior poderia acontecer até que outras horas se passaram. Errei ao pensar que nada de pior poderia acontecer, mas fracassou tudo que fiz para impedir que acontecesse, como também fracassou tudo que deixei de fazer para não pensar naquilo, até que fui invadida pelos sons que me cercavam, até que a própria ameaça daquelas horas penetrou em meu corpo, e voltei do Templo com a ameaça ainda circulando por meu coração.

Com o dinheiro que havia poupado, comprei de um dos prateiros uma pequena estátua da deusa, que me fez sentir melhor. E a escondi. Mas significava alguma coisa saber que ela estava na casa perto de mim e que eu podia sussurrar para ela à noite caso precisasse. Podia lhe contar a história do que aconteceu e de como vim parar aqui. Podia falar sobre a grande inquietação que sobreveio quando as novas moedas começaram a aparecer e os novos decretos e as novas palavras para designar velhas coisas. As pessoas sem posse, tanto homens quanto mulheres, passaram a falar de Jerusalém como se ficasse do outro lado do vale, e não a dois ou três dias de viagem; quando se tornou claro que os rapazes poderiam ir para lá, qualquer um que soubesse escrever ou fosse carpinteiro, fabricasse rodas ou trabalhasse com metal, na verdade qualquer um capaz de falar com clareza, qualquer um que quisesse negociar com tecidos, grãos, frutas ou óleo, todos resolveram ir. De repente ficou fácil ir para lá, embora, naturalmente, não fosse fácil voltar. Enviavam mensagens, moedas e panos, mandavam notícias do que faziam, mas

havia algo que os mantinha lá, a atração do dinheiro, a atração do futuro. Eu nunca ouvira ninguém falar sobre o futuro até então, a não ser quando se tratava do dia seguinte ou de alguma festa a que compareciam todos os anos. Não, porém, sobre um tempo em que tudo seria diferente e melhor. Tal ideia varreu as aldeias como um vento seco e quente, e arrastou quem quer que tivesse algum valor, e arrastou meu filho, o que não me surpreendeu porque, se ele não tivesse ido, chamaria atenção na aldeia, as pessoas se perguntariam por que não foi. Na verdade, era simples: ele não poderia ter ficado. Não lhe perguntei nada, sabia que acharia ocupação com facilidade e mandaria o que mandavam aqueles que tinham ido antes, assim como embrulhei para ele as coisas de que precisaria tal qual as outras mães faziam para os filhos que partiam. Nem chegava a ser triste. Era apenas o fim de alguma coisa, e havia uma multidão reunida quando ele se foi porque naquele dia outros também se iam, e voltei para casa quase sorrindo com o pensamento de que tinha sorte por ele ser um jovem saudável, e sorrindo também com a ideia de que tínhamos sido cuidadosos nos meses que precederam sua partida — talvez ao longo de todo o último ano —, não conversando demais nem ficando próximos demais porque ambos sabíamos que ele iria embora.

Mas eu deveria ter prestado mais atenção naquele tempo antes da sua partida, em quem vinha à nossa casa, no que era discutido em torno da minha mesa. Não era por timidez ou reserva que eu ficava na cozinha quando chegavam aqueles estranhos — era por enfado. Algo no zelo daqueles jovens me repugnava, me impelia para a cozinha ou o jardim; algo na avidez canhestra deles ou a sensação de que faltava alguma coisa em cada um deles me fazia querer servir a comida, a água ou o que fosse e então desaparecer antes de ouvir uma só

palavra de suas conversas. No início eles ficavam em silêncio, desajeitados, carentes, porém depois falavam alto demais; muitos falavam ao mesmo tempo ou, o que era pior, quando meu filho insistia em que se calassem e se dirigia a eles como a uma multidão, sua voz soava muito falsa, o tom muito artificial, e eu não suportava ouvi-lo, era como se alguma coisa estivesse sendo moída e aquilo me dava arrepios, e freqüentemente eu me via caminhando pelas ruelas poeirentas com uma cesta como se precisasse de pão, ou visitando uma vizinha que não necessitava de visitas na esperança de que, ao retornar, os jovens teriam se dispersado ou meu filho teria parado de falar. A sós comigo, depois que todos se iam, ele ficava mais tranquilo, mais gentil, como uma jarra da qual foi retirada a água velha, e talvez naquelas horas falando tivesse expurgado o que quer que o vinha agitando, e quando a noite caía ele se enchia de novo da água pura da fonte que brotava da solidão, ou do sono, ou mesmo do silêncio e do trabalho.

Ao longo de toda a vida adorei o Shabat. A melhor época foi quando meu filho tinha oito ou nove anos, idade suficiente para gostar de fazer as coisas certas sem ser mandado, idade suficiente para ficar quieto quando a casa estava quieta. Eu adorava preparar tudo com antecedência, me certificando de que a casa estava limpa, começando dois dias antes do Shabat por lavar as roupas e tirar a poeira, e um dia antes preparando a comida e me certificando de que tínhamos bastante água. Adorava a calma das manhãs, quando meu marido e eu falávamos aos sussurros, indo ao quarto de nosso filho para ficar com ele, segurando sua mão e o fazendo baixar a voz caso falasse muito alto ou esquecesse que aquele não era um dia comum. Naqueles anos, as manhãs de Shabat em nossa casa

eram plácidas, horas em que o silêncio e a tranquilidade predominavam, quando olhávamos para dentro de nós mesmos e ficávamos praticamente indiferentes aos ruídos que o mundo fazia ou às marcas deixadas em nós pelos dias anteriores.

Eu gostava muito de ver meu marido e meu filho caminhando rumo ao Templo, assim como gostava de rezar sozinha antes de me juntar a eles, sem dizer uma palavra, sem olhar para ninguém. Gostava muito de algumas das orações e das palavras do livro lidas em voz alta para nós. Eu as conhecia todas e elas acabavam por me trazer um suave conforto ao regressar à casa depois de ouvi-las. O estranho é que, naquelas poucas horas antes do anoitecer, uma espécie de batalha surda se travava dentro de mim entre o eco das orações, a paz do dia, a lânguida serenidade das coisas, e algo sombrio e ansioso, a sensação de que cada semana que passava era um tempo perdido e impossível de ser recuperado assim como um sentimento que eu era incapaz de nomear e se ocultava entre as palavras do livro como se de tocaia, tal qual caçadores, ou a mão pronta para empunhar a foice na época da colheita. Inquietava-me a ideia de que o tempo se movia, a ideia de que tanta coisa no mundo permanecia um mistério. Porém eu a aceitava como um aspecto inevitável de um dia de contemplação interior. Mesmo assim eu ficava feliz quando as sombras se dissolviam na escuridão ao cair da noite e nós podíamos voltar a conversar e eu podia trabalhar na cozinha e pensar mais uma vez nos outros e no mundo do lado de fora.

Meus dois visitantes mudam as coisas de lugar quando vêm aqui, como se esta casa fosse deles, como se rearranjando os móveis ganhassem um poder neste cômodo que nada mais pode lhes dar. E, quando digo para reporem tudo no lugar — a

mesa encostada de volta na parede, o saco de laranjas no canto, os vasos de água na prateleira onde costumo deixá-los e não no chão —, eles olham um para o outro e depois para mim, deixando claro que não farão nada do que digo, que exerçerão o poder nas menores coisas, que não cederão diante de ninguém. Quando olho para eles de volta, espero que percebam desprezo ou algum reflexo da idiotice deles, muito embora eu não senta desprezo, eu me sinto quase feliz e acho graça por se comportarem como garotinhos na tentativa canhestra de mostrar quem é o maior, quem está no comando. Não me importa como a mobília é arrumada, eles podem mudá-la de lugar todos os dias e não vai me ofender, por isso com frequência volto a meus afazeres como se houvesse humildemente aceitado uma derrota. E então espero.

Há uma cadeira aqui em que ninguém nunca se sentou. Talvez no passado ela tenha tido um uso diário em algum outro lugar, mas entrou por essa porta numa época em que eu precisava desesperadamente recordar os anos em que conheci o amor. Era para ser deixada sem uso. Pertence à memória, pertence a um homem que não voltará, cujo corpo é pó mas que um dia teve poder neste mundo. Ele não retornará. Mantenho a cadeira na sala porque ele não retornará. Não necessito guardar comida para ele, ou água, ou um lugar na minha cama, ou quaisquer notícias que pudessem interessá-lo. Mantenho a cadeira vazia. Não custa grande coisa, e às vezes olho para ela ao passar, e isso é tudo que posso fazer, talvez seja suficiente, talvez chegue um tempo em que não precisarei ter essa recordação dele tão perto de mim. Talvez, ao chegarem meus últimos dias, sua lembrança vá se refugiar mais profundamente em meu coração e não terei necessidade da ajuda de nenhum objeto aqui.

Eu sabia, dada a indelicadeza deles, a maneira de entrarem como se estivessem fazendo um ataque de surpresa, que

um deles escolheria essa cadeira, faria isso parecer um gesto à toa e por isso mesmo ainda menos passível de oposição. Mas eu estava esperando.

“Não sente nessa cadeira”, eu disse quando ele empurrou a mesa para o lado e puxou a cadeira que eu tinha cuidadosamente deixado imprensada contra a parede para que não fosse profanada por meus visitantes. “Pode usar a que está ao lado, mas essa não.”

“Não posso usar uma cadeira?”, ele perguntou, como se falasse com uma débil mental. “Para que mais servem as cadeiras? Não posso me sentar numa cadeira?” O tom era agora mais insolente que ameaçador, mas havia um elemento de ameaça.

“Ninguém se senta nessa cadeira”, falei baixinho.

“Ninguém?”, perguntou.

Baixei ainda mais a voz.

“Ninguém.”

Meus dois visitantes trocaram olhares. Eu estava esperando. Não deixei de encará-los, porém tentei me passar por gentil, alguém que não valia a pena desafiar, sobretudo por algo que pode ter parecido para eles um capricho, uma dessas ideias de mulher.

“Por quê?”, ele perguntou, com uma espécie de sarcasmo açucarado.

“Por quê?”, perguntou de novo, como se eu fosse uma criança.

A essa altura, mal conseguindo respirar, descansei as mãos nas costas da cadeira mais próxima e me dei conta de que, por minha respiração penosa e pela repentina lentidão das batidas do coração, não demorará muito para que toda a vida em mim, o pouco que resta, se extinga, como uma chama num dia tranquilo, mansamente, precisando apenas da mais

leve aragem, um bruxuleio e tudo terminará, como se jamais tivesse estado acesa.

“Não sente aí”, eu disse tranquilamente.

“Mas então tem de me explicar”, ele disse.

“A cadeira está reservada para alguém que não voltará.”

“Mas ele voltará.”

“Não”, insisti, “não voltará.”

“Seu filho voltará”, repetiu.

“A cadeira é para meu marido”, respondi, como se agora fosse ele o débil mental. Sorri ao pronunciar a palavra, como se o simples fato de dizer “marido” houvesse trazido de volta alguma coisa, ou a sombra de alguma coisa, bastante para mim de qualquer modo, mas não suficiente para os dois. E então ele fez menção de se sentar na cadeira, virou-a na sua direção prestes a se abancar com as costas voltadas para mim.

Eu estava esperando. Rapidamente encontrei a faca afiada, segurei-a e toquei na lâmina. Não a apontei na direção deles, mas meu movimento para pegá-la havia sido tão veloz e repentina que lhes chamou a atenção. Sorri para eles e depois olhei para a lâmina.

“Tenho outra escondida”, eu disse, “e, se qualquer um de vocês tocar de novo na cadeira, basta tocar, vou esperar, estou esperando agora, e vou chegar de noite, me movendo tão silenciosamente quanto o ar, e vocês não vão ter tempo de fazer um ruído. Nem por um momento pensem que não vou fazer isso.”

Virei-me então de costas como se tivesse trabalho a fazer. Lavei uns jarros que não precisavam ser lavados e depois pedi para buscarem água. Sabia que queriam estar a sós agora e, quando se foram, encostei a cadeira de volta na parede e a mesa contra ela. Sabia que talvez fosse hora de esquecê-lo, pois me uniria a ele em breve. Talvez fosse hora de me desfazer daquela

cadeira, mas faria isso num dia em que ela não fosse importante. Quebraria seu encanto quando me parecesse melhor.

Eu me movo agora entre as coisas deste mundo, que são precisas, cortantes e próximas, e alguns pensamentos soturnos. Naqueles dias de Shabat, depois que eram ditas as orações e se havia agradecido e louvado a Deus, sempre sobrava tempo para imaginar o que está além de nós no céu e o que permanece oculto nas entranhas da terra. Eu tinha uma sensação em alguns desses dias, após horas de silêncio, de que minha mãe lutava para vir a meu encontro, chegando de algum lugar muito escuro, estendendo a mão como se procurasse algo para comer ou beber. Naqueles dias de Shabat, ao anoitecer eu a via afundar de novo num lugar cavernoso, um espaço imenso e voraz; acima dela havia coisas que adejavam e voavam, de debaixo dela subia um som estrondoso. Não sei por que imaginava isso, teria sido mais compreensível imaginá-la se transformando lentamente em pó na terra cálida, junto aos lugares que ela amava. E era sempre fácil substituir aquelas elucubações acerca de lugares imaginados sob a terra pelas absorventes ocupações cotidianas, pelo aqui e agora, pelas coisas que aconteciam, pelas pessoas que vinham à minha porta em plena luz do dia.

Marcos de Caná não era meu primo, embora me chamassem de prima porque nossas mães deram à luz ao mesmo tempo em casas contíguas. Brincamos e crescemos juntos até chegar a hora de nos separarmos. Quando ele foi à casa em Nazaré, eu estava sozinha. Não o via fazia anos. Sabia que ele havia ido para Jerusalém, que tinha mais talento do que muitos outros

que haviam ido, e herdara do pai um misto de timidez e estabilidade, o dom de impressionar as pessoas, talvez até mesmo de ludibriá-las se necessário, e a capacidade de concordar com todo mundo sem ter opiniões próprias sobre nada, ou de ter opiniões próprias que não revelava a ninguém.

Marcos apareceu à minha porta e se sentou à mesa. Não queria água ou comida e havia nele algo novo, algo em que mais tarde reparei quando vieram a esta casa meus protetores, ou meus guardas, ou o que quer que sejam — uma frieza, uma determinação, uma habilidade para utilizar o silêncio, uma dureza em torno dos olhos e da boca que sugeria uma dureza no coração. Ele me disse o que tinha visto e o que, mesmo então, seriam as consequências. Não tinha visto o que viu por acaso, ele disse; havia sido convidado por um de seus colegas a acompanhá-lo no Shabat ao reservatório nos fundos do mercado de ovelhas de Jerusalém porque era sabido que ali se congregavam meu filho e seus amigos. Foi ali que, nas palavras de Marcos, eles provocaram um grande rebuliço, atraíram uma multidão e começaram a se tornar notórios.

Segundo Marcos, ali havia um velho idiota que costumava ficar deitado em meio aos aleijados, aos atrofiados, aos cegos, aos coxos e aos paralíticos, e todos eram loucos o suficiente para crer que, em algum momento, um anjo desceria no reservatório e agitaria as águas e o primeiro que nelas entrão entrasse seria curado do mal de que sofria. E meu filho e seus amigos, os jovens que trazia em casa, estavam lá naquele dia. Marcos sabia disso por causa de toda a comoção que ele e seus amigos estavam causando, levando a turba à histeria. Eles deviam saber, Marcos disse, quão de perto estavam sendo vigiados. Havia espiões, informantes e delatores por todos os lados. Vigiam abertamente, talvez seu pagamento ou recompensa dependesse de serem vistos em ação. Marcos

disse que ficou perto do reservatório, perto o bastante para ver que o foco de atenção era aquele idiota, meio mendigo, meio imbecil, que berrava que era aleijado havia muitos anos. Quando todos se aproximaram, Marcos ouviu meu filho gritar: "Você quer ser curado?". Alguns riam e imitavam sua voz, porém outros faziam sinal para que ainda mais gente se acercasse silenciosamente da voz no centro, perto do reservatório, a voz que trovejava: "Você quer ser curado?". E o idiota começou a insistir que o anjo viria agitar as águas, mas, como não tinha nenhum servo para ajudá-lo e só o primeiro a entrar na água seria curado, ele estava fadado a continuar paralítico pelo resto da vida. E a voz se alteou de novo, mas desta vez ninguém riu ou zombou. Havia completo silêncio em toda a volta quando desta vez a voz disse: "Levante-se, pegue sua maca e ande!".

Marcos não sabia quanto tempo durou o silêncio; podia ver o homem deitado, mas depois a multidão recuou e ainda ninguém disse uma palavra quando ele se pôs de pé e meu filho lhe disse que nunca mais pecasse. E então o homem se afastou, deixando para trás a maca. Caminhou na direção do Templo seguido por um poveréu, e também por meu filho e seus amigos. Estavam criando um frenesi no Shabat. No Templo, ninguém se importava com o homem e por que ele estava andando, mas sim por ele estar gritando e apontando, por haver uma grande multidão o seguindo, e porque era o Shabat. Ninguém, disse Marcos, tinha a menor dúvida sobre quem era o causador dessa violação do Shabat. Meu filho só não foi preso ali mesmo, Marcos disse, porque desejavam ver para onde ele iria depois e quem o apoiava. As autoridades, tanto as judaicas quanto as romanas, se perguntavam aonde ele os levaria, o que aconteceria caso se certificassem de que não iria a lugar algum sem a presença de espiões e informantes.